

MANCHAS DE *Cloridium musae* EM FOLHAS DE BANANEIRAS

Luadir Gasparotto - Embrapa Amazônia Ocidental
José Clério R. Pereira - Embrapa Amazônia Ocidental

A bananicultura no Estado do Amazonas é praticada por pequenos produtores, em solos de ecossistemas de várzeas e de terra firme. Nos solos de terra firme, os bananais, via de regra, são instalados em pequenas áreas recém-desmatadas e consorciadas com outras culturas, como mandioca, por exemplo. Geralmente visando ao controle de doenças vasculares, os agricultores cultivam a bananeira em sub-bosques ou permitem que plantas arbóreas se estabeleçam nos bananais, como nos Municípios de Coari, Codajás e Humaitá. Nessas duas situações de sub-bosques e/ou próximos de matas, consorciadas ou não com mandioca, ocorre excesso de sombreamento, o que propicia maior duração do molhamento foliar. Com a entrada da Sigatoka negra (*Mycosphaerella fijiensis*), todas as áreas cultivadas com materiais suscetíveis estão sendo substituídas pelas cultivares Caipira, Thap maeo e FHIAs 01, 02 e 18, principalmente. Essas cultivares, por serem resistentes à Sigatoka negra, apresentam um grande número de folhas e, se não forem manejadas corretamente, no que se refere ao desperfilhamento, irão reproduzir as mesmas condições microclimáticas relativas aos cultivos em sub-bosques e/ou consórcios próximo às matas. Em todas essas situações aqui caracterizadas, principalmente pela manutenção de elevada umidade no interior dos bananais e ausência de ventos convectivos, ocorre o favorecimento para os patógenos foliares menos agressivos, particularmente o fungo *Cloridium musae*. Nessas áreas de cultivo, *C. musae*, até então sem nenhuma importância econômica, tem causado elevado número de manchas foliares, provocando a morte prematura de folhas e conseqüente redução da produção de frutos.

Inicialmente, em ambas as faces do limbo das folhas medianas e baixas, surgem estrias marrom-claras, alongadas, que se expandem radialmente, podendo, em algumas situações, serem confundidas com as

estrias causadas por *Mycosphaerella fijiensis*, principalmente em variedades resistentes. Com o progresso da doença, as estrias apresentam maior crescimento radial e transformam-se em manchas superficiais, ligeiramente arredondadas, de coloração marrom-clara. Posteriormente, as manchas apresentam o centro deprimido, sem ocorrer necrose do limbo, e adquirem o aspecto de anasarca. Esse aspecto de anasarca ou manchas com centro deprimido de aspecto úmido constitui-se em característica diferencial em relação aos sintomas da Sigatoka negra. A seguir, as manchas coalescem, o limbo foliar amarelece, culminando com a morte prematura da folha e a redução da produção.

Como medidas de controle da doença, recomenda-se:

- Não efetuar os plantios em áreas sombreadas;
- Não permitir a formação de sub-bosques nos bananais;
- Proceder ao desperfilhamento das plantas nas épocas necessárias, de modo a manter o estande recomendado, evitando o entouceiramento das covas; e
- Efetuar adubações nas épocas e quantidades adequadas à cultura. Nos solos podzólicos e/ou de textura arenosa, aumentar a quantidade de resíduos orgânicos na cova ou propiciar cobertura morta para prevenir estresses hídricos, que é outro fator predisponente para o ataque por *C.musae*.

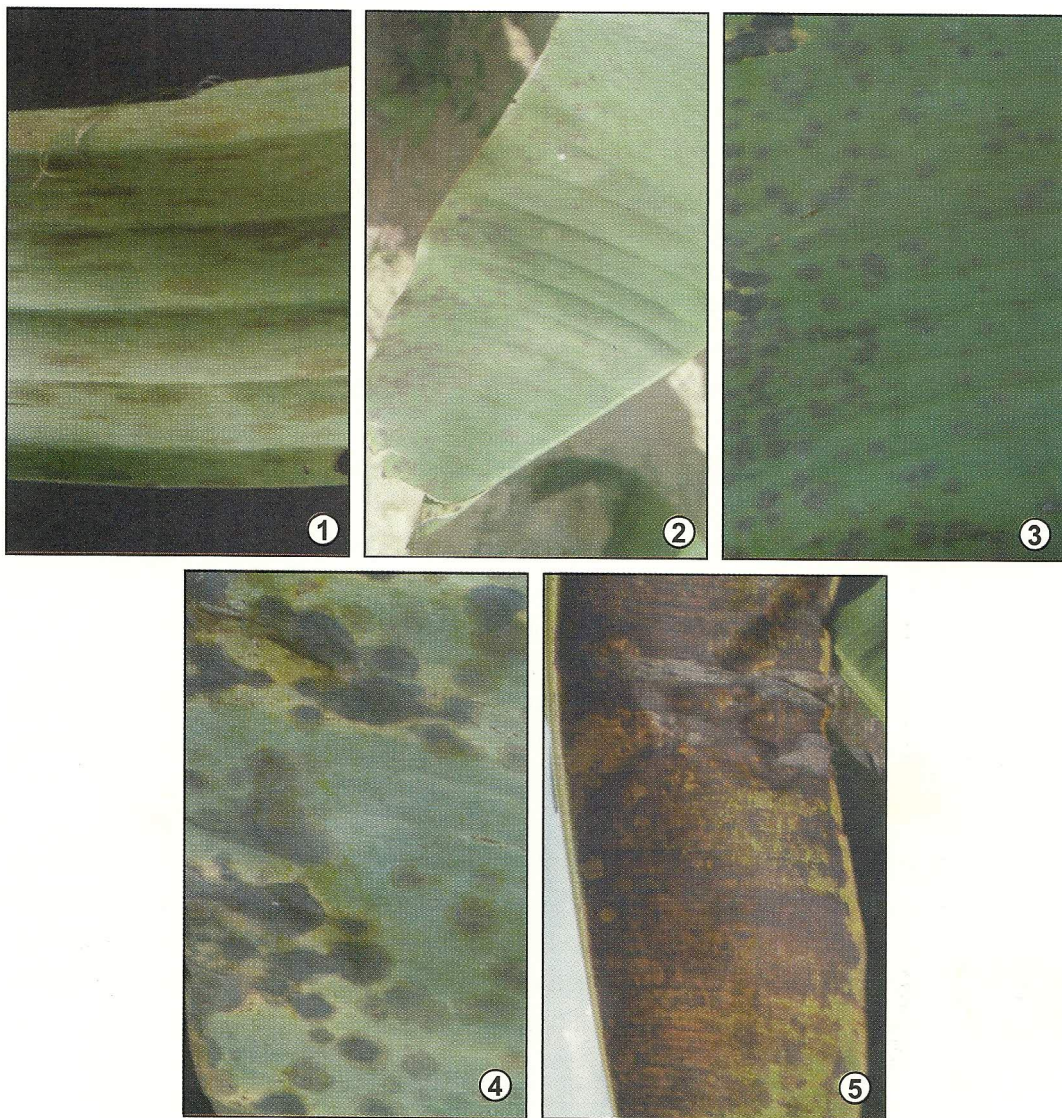


Figura 1. Manchas iniciais de *Cloridium musae* em folha da cultivar Maçã.

Figura 2. Manchas de *Cloridium musae* em folha da cultivar FHIA 02.

Figura 3. Manchas de *Cloridium musae* com aspecto de anasarca em folha da cultivar FHIA 02.

Figura 4. Folha de bananeira com manchas coalescidas de *Cloridium musae*.

Figura 5. Folha praticamente morta devido a manchas de *Cloridium musae*.